

Introdução

Este trabalho tem como objetivo investigar aspectos da experiência de crianças nascidas e criadas na Rocinha - favela situada na Zona Sul carioca - destacando suas repercussões na construção da subjetividade.

Debruçamo-nos tanto sobre a hostilidade do ambiente, quanto sobre as redes de apoio que esta favela, através de suas dinâmicas e agentes, disponibiliza. Para tanto, realizamos um percurso de estudos teóricos, articulados com pesquisa de campo, lançando mão de subsídios metodológicos que nos permitissem realmente dar voz a estas crianças, tornando-as co-participantes da pesquisa.

O estigma de “favelado”, construído através da história, conjuga as imagens de pobre e criminoso, sendo as favelas culturalmente colocadas neste local da falta, da pobreza e do crime (ZALUAR & ALVITO, 2004). Quando pensamos sobre a vida nestas localidades, inclusive no que diz respeito à infância que nela se constitui, encontramos frequentemente referências às condições de carência de recursos básicos, exposição à violência e drogas, “famílias desestruturadas”, criminalidade etc, ou seja, aspectos de uma vida constituída em um meio hostil e sem requisitos básicos a um desenvolvimento saudável. Porém, um olhar mais minucioso pode revelar também uma multiplicidade de condições de vida e de possibilidades de ser criança neste ambiente, que embora apresente facetas problemáticas, não se esgota nelas.

Neste sentido, Ludemir (2004), autor que realizou um estudo específico sobre a Rocinha, destaca que na relação da cidade com a favela impera um olhar que frequentemente impele a busca por “personagens puros” nesta localidade, como se o “morro” fosse um ambiente monolítico e as pessoas que ali residem não fossem permeadas pela pluralidade característica ao humano. Foi possível perceber um pouco dessa complexidade no contato direto com crianças que vivem na Rocinha¹, desde meu curso de graduação, durante o qual fui estagiária do

¹ Entrevistando-as para pesquisas como bolsista Pibic de Iniciação Científica no grupo “Temas em Desenvolvimento Humano”, do Departamento de Psicologia da PUC-Rio, sob a orientação da professora Maria Inês Bittencourt, e em pesquisa realizada para monografia de conclusão de curso de Graduação.

Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da PUC-Rio - aonde realizei atendimento clínico com crianças desta localidade e tive contato com uma extensa gama de situações - e também estagiária em uma escola situada na mesma favela, o que possibilitou estreitamento com a realidade destas crianças, suscitando diversas questões.

Surgiu desta forma o desejo de buscar subsídios para uma maior compreensão da infância nas classes populares (moradoras de favelas), ultrapassando estereótipos que recaem sobre as crianças, muitas vezes vistas apenas como “seres que crescem em meio à violência e criminalidade”. Em minhas observações, percebi que as condições ambientais dentro do universo da mesma favela são variáveis, incluindo uma diversidade de condições familiares, econômicas, culturais etc, cujas repercussões pude constatar nos casos que chegavam ao SPA para atendimento clínico ou às instâncias competentes na escola.

No mestrado, buscamos conhecer melhor um pouco do universo da experiência de tais crianças. Realizamos um recorte especificamente voltado para meninas que vivem na Rocinha, reunidas em grupo de cinco integrantes, com as quais foi criado um espaço de diálogo para investigação de certos aspectos de suas vidas. As razões para a escolha de gênero, assim como a formação de um grupo para realização do campo de pesquisa, serão explicadas no decorrer do trabalho.

No contato com o campo e na leitura dos estudos teóricos sobre as favelas do Rio de Janeiro, percebemos que a Rocinha, por ser uma das maiores da América Latina, por sua privilegiada localização, relativamente fortes comércio e economia, e projetos sociais diversos, possibilita alguns privilégios aos que ali residem. Assim sendo, buscamos investigar de que modo, no palco subjetivo, os suportes oferecidos são conjugados com as hostilidades² do meio.

Para tanto, inicialmente realizamos um percurso de pesquisa teórica, que será contemplada ao longo de dois capítulos. No capítulo inicial, com base em

² Tentando evitar o etnocentrismo, não podíamos incorrer em seu contraponto: romantizar a vida na favela, negando que este é um território também marcado pela violência, tendo no narcotráfico um de seus importantes protagonistas.

autores como Leitão (2007); Ventura (2004); Zaluar & Alvito (2004) e Zamora (1999), remontamos um breve histórico da situação das favelas cariocas, com destaque para a Rocinha. Foram pesquisados dados atualizados desta localidade, visando uma compreensão da favela tanto em suas possibilidades como em suas limitações, na difícil tarefa de tentar conjugar diversos fatores que compõem a complexidade deste local.

No capítulo posterior, estudamos a importância do ambiente na construção da subjetividade. Destacamos a questão do desenvolvimento do self, com o apoio teórico de Donald W. Winnicott, conjugado com as questões que se colocam sobre o desenvolvimento emocional em meio à violência que impera nas favelas cariocas. Para pensar aspectos relacionados ao ambiente sócioeconômico contemporâneo (que também atravessam a infância investigada), recorremos a autores que pensam o sistema capitalista e a cultura do consumo que este estabelece. Finalizamos este capítulo com uma referência ao pensamento de Certeau (1994) sobre a “invenção do cotidiano”, conceito que dialoga com as propostas de Winnicott sobre o viver criativo e que nos pareceu bastante fecundo para a compreensão das “táticas” que são desenvolvidas na vida cotidiana dos moradores da Rocinha.

O quarto capítulo é dedicado ao material de campo. Neste momento, faz-se necessário destacar que dedicamos amplo espaço ao debate de questões epistemológicas e metodológicas, surgidas ao longo do percurso da pesquisa junto às meninas da Rocinha. Neste caminho, foi imprescindível o apoio em autores como Bakhtin (1992, 2003), Certeau (1994) e Amorim (2001). A experiência de campo se revelou um momento de grande troca entre as participantes e a pesquisadora, possibilitando a construção de um conhecimento - e não uma “descoberta” previsível de dados de pesquisa - apresentado por meio de categorias de análise que emergiram do encontro entre as falas das participantes, o diário de campo e os estudos teóricos.

Condensamos as principais conclusões relativas à pesquisa nas Considerações Finais.